

OPINIÃO

Da porteira ao porto: por que a infraestrutura logística pode elevar o agro brasileiro

Thiago Grimm (*)

O Brasil é, indiscutivelmente, uma potência agrícola. Produzimos em escala global, lideramos exportações de diversas commodities e seguimos batendo recordes de safra. Ainda assim, existe um ponto crítico que insiste em limitar o real potencial do nosso agro: a infraestrutura logística.

Ao longo dos anos, aprendemos a produzir mais, melhor e de forma cada vez mais tecnológica dentro da porteira. O desafio começa quando essa produção precisa sair do campo e chegar ao mercado, seja ele interno ou internacional. Estradas precárias, gargalos na armazenagem, dependência excessiva do transporte rodoviário e concentração das operações em poucos portos, ainda elevam custos, aumentam riscos e reduzem a competitividade do produtor brasileiro.

Na prática, isso significa que parte do esforço feito no campo se perde no caminho. Cada atraso no escoamento, cada perda por falta de armazenagem adequada ou cada custo logístico adicional impacta diretamente a margem do produtor e a previsibilidade do negócio. Não se trata apenas de eficiência operacional, mas de estratégia.

É um equívoco enxergar a logística como uma etapa final da cadeia. Ela precisa ser pensada desde o planejamento

da safra. Decisões sobre onde plantar, quanto produzir, quando colher e para onde vender estão diretamente conectadas à capacidade logística disponível. Quando essa equação não fecha, o risco aumenta e o resultado financeiro sofre.

Nos últimos anos, temos visto avanços importantes, como investimentos em ferrovias, ampliação de terminais portuários e maior participação da iniciativa privada. No entanto, o ritmo dessas melhorias ainda não acompanha o crescimento da produção. Enquanto outros países produtores contam com sistemas logísticos mais integrados e eficientes, o Brasil segue enfrentando entraves estruturais que poderiam ser evitados com planejamento de longo prazo e políticas consistentes.

A infraestrutura logística não é um tema banal. Ela impacta diretamente o produtor rural, as cooperativas, as tradings e toda a cadeia do agro. Melhorar estradas, diversificar modais, ampliar a capacidade de armazenagem e investir em tecnologia logística significa reduzir perdas, ganhar competitividade e acessar mercados mais exigentes.

Se quisermos que o agro brasileiro continue crescendo de forma sustentável e rentável, precisamos olhar com a mesma atenção para o que acontece fora da porteira quanto olhamos para dentro dela. Do campo ao porto, cada etapa precisa funcionar de forma integrada. Só assim conseguiremos transformar produtividade em valor e liderança agrícola em vantagem competitiva real no cenário global.

(*) Agrônomo especialista em gestão e tecnologia agrícola.

Reforma tributária chega ao campo

A transição da reforma tributária começa a impactar o agronegócio antes mesmo de qualquer alteração relevante de carga. Em 2026, o principal desafio para o produtor rural tende a ser a adaptação operacional, com foco na qualidade da informação prestada nas operações.

“Antes de qualquer impacto relevante de carga tributária, o que muda é a exigência de adaptação operacional. A transição do IBS/CBS começa cobrando qualidade da informação, não alíquota: correta emissão da NF-e, enquadramento do produtor como contribuinte ou não, classificação das operações e integração com sistemas”, afirma André Aidar, sócio e Head de Direito do Agronegócio no Lara Martins Advogados.

Segundo o especialista, quem não ajustar controles e documentação desde já pode enfrentar consequências indiretas relevantes nos próximos anos. “Quem não ajustar controles e documentação desde já tende a sofrer glosas de crédito, conflitos contratuais e aumento de custo indireto”, diz.

Na avaliação de Aidar, o maior risco não está em um ato isolado, mas na cadeia como um todo, sobretudo na compra de insumos, com impacto em créditos e repasses, e na venda da produção, quando

uma qualificação fiscal errada pode comprometer a operação seguinte. Ele também destaca a relação com cooperativas e tradings, além de contratos de arrendamento e parceria, que muitas vezes ainda não refletem a nova lógica de incidência. “Um erro simples na nota pode gerar efeito cascata para o comprador, afetando preço, crédito e negociação”, explica.

Para reduzir risco e custo ainda em 2026, Aidar recomenda três medidas básicas e de baixo custo: revisar o cadastro fiscal e o padrão de emissão das NF-es, inclusive o campo de contribuinte do IBS/CBS; mapear contratos recorrentes como insumos, arrendamento e venda futura, para identificar pontos de risco tributário na transição, e integrar contador e jurídico desde já, tratando a reforma não só como tema fiscal, mas como tema contratual e operacional.

“A reforma começa menos na alíquota e mais na governança da operação rural. Quem se antecipa reduz risco e preserva margem”, conclui.

Fonte: André Aidar é sócio e Head de Direito do Agronegócio no Lara Martins Advogados, é professor de Direito Comercial e Direito Processual Civil, doutor e mestre em Agronegócio (UFG), especialista em Análise Econômica do Direito (Universidade de Lisboa), em Direito Empresarial (FGV) e em Direito Processual Civil (UFU).

Planejamento nutricional de matrizes garante melhores resultados na estação de monta

Produtor precisa traçar estratégia focada na alimentação das vacas durante todo o ciclo, para que elas cheguem bem ao período reprodutivo

A chegada da época das chuvas é o período em que os produtores se organizam para dar início a uma das fases mais importantes do calendário produtivo da fazenda, a estação reprodutiva. Apostar em um planejamento a longo prazo, focando no preparo nutricional das fêmeas na época correta, garante que elas cheguem a esse estágio com um bom Escore de Condição Corporal (ECC) que favoreça os índices reprodutivos.

“Estabelecer um período de monta na propriedade permite calendarizar os manejos e sincronizar a fase de maior requerimento nutricional das vacas, que é o período de lactação, com a época do ano de maior disponibilidade de forragens, ou seja, as chuvas. Dessa forma, as fêmeas entram na estação reprodutiva com boa condição corporal”, alerta o zootecnista e diretor técnico comercial da Connan, Bruno Marson.

Segundo o diretor, a taxa de fertilidade e a quantidade de gordura da vaca estão correlacionadas, por isso o planejamento nutricional deve envolver a alimentação adequada antes, durante e após a monta, com ajustes na dieta para atender as diferentes fases da fêmea.

“Para estarem aptas à reprodução, as novilhas devem atingir o peso ideal, entre 60% e 65% do peso adulto da raça. Já as fêmeas multíparas devem chegar na estação reprodutiva com escore corporal em torno de 3,5 na escala de 1 a 5. Com uma boa nutrição, é possível diminuir o intervalo entre partos e melhorar a produção de quilos de bezerros por vaca”, observa.

No período pré-monta, no caso das novilhas, é fundamental que atinjam o peso



Divulgação Connan

ideal e desenvolvimento adequado antes da primeira monta, para reduzir a idade do primeiro parto e acelerarem o ganho genético. Já no caso das fêmeas adultas, a alimentação deve focar em manter ou ganhar peso, garantindo boa condição corporal para a estação de monta.

Durante a fase, a dieta precisa atender às necessidades nutricionais do animal, especialmente o período de lactação, que tem altos requerimentos. No pós-parto, a vaca precisa se recuperar e apresentar cio rapidamente. Por isso, a nutrição deve ser adequada para a recuperação do escore de condição corporal e o início de uma nova gestação.

Manejo de pastagens

O especialista comenta que os melhores resultados em termos de taxa de desmame e peso são obtidos quando os nascimentos ocorrem durante a estação seca. Assim, no início da estação chuvosa as pastagens se recuperam rapidamente, provendo

alimento de boa qualidade em quantidade suficiente para que as fêmeas alcancem uma condição corporal que favoreça os índices reprodutivos. Com isso, a estação de monta poderá começar poucas semanas depois do início das chuvas.

Focada em oferecer soluções que tragam bons resultados aos pecuaristas, a Connan dispõe hoje em seu portfólio suplementos para o preparo e nutrição de fêmeas nesse período, como o Connan Fertitec e Connan Master 100, formulados com minerais e tecnologia para melhorar a fertilidade e preparar o rebanho para a eficiência reprodutiva.

“Com um bom planejamento, as fêmeas serão bem suplementadas nas águas, o nascimento dos bezerras ocorrerá na seca e elas estarão recuperadas na próxima estação chuvosa. Essa estratégia permite a boa recuperação do animal, sem impacto para a próxima estação de monta”, finaliza Marson.

Manejo sustentável para combater degradação dos solos

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) indica que 75% dos solos na América Latina e no Caribe apresentam problemas de degradação. No geral, o desmatamento descontrolado e o uso inadequado do solo, seja na agricultura ou na pecuária, são alguns dos principais causadores desta disfunção. Essa situação compromete diretamente a resiliência dos ecossistemas frente às mudanças do clima, tendo em vista a importância dos solos para a regulação dos gases de efeito estufa e limitação do aquecimento global, além de ameaçar a segurança alimentar e da qualidade da água.

Diante desse panorama, a Agropalma, empresa brasileira reconhecida mundialmente como referência na produção sustentável de soluções com óleo de palma, tem investido cada vez mais em Melhores Práticas de Manejo (BMPs, na sigla em inglês). Essas técnicas consistem, basicamente, em combinar as estratégias de produtividade, como um manejo voltado ao ganho de rendimento, boa cobertura de solo (que diminui, inclusive, uso de herbicidas), nutrição adequada, podas nos períodos corretos e captura de rendimento - processo em que há intervenções para reduzir as perdas durante o processo de colheita.

As BMPs foram implementadas no cultivo da palma de óleo pela companhia ainda em 2021, focada em minimizar impactos ambientais e promover um manejo mais sustentável do solo. Essa ação é uma resposta ativa à realidade alarmante quanto à saúde dos campos brasileiros e reafirma o compromisso da Agropalma com o não desmatamento assumido ainda em 2001, ao incentivar o uso sustentável dos campos já antropizados e extinguir a prática de abertura de novas áreas para o plantio.

O projeto da Agropalma está em crescimento e expansão nas áreas de cultivo e já demonstra resultados ambientais positivos, como redução na compactação do solo, menores temperaturas, melhor umidade do solo, maior disponibilidade de nutrientes, diversidade microbiana e diminuição de processos erosivos. Consequentemente, houve uma intensificação da produção, aumento da produtividade e declínio de perdas na colheita.



Divulgação Agropalma

Entre as ações da empresa que têm levado a esses benefícios estão:

- Diminuição significativa no uso de defensivos agrícolas, substituídos por insumos biológicos, combinada a um controle fitossanitário ativo que monitora, alerta e combate pragas e doenças;
- Diversificação das culturas, com o plantio de espécies leguminosas - que promovem melhor cobertura do solo, minimizando a incidência de raios solares - e nectaríferas, que atraem insetos benéficos;
- Adoção de um plano de manejo nutricional adequado, com o planejamento de podas nos períodos corretos, além da redução dos pontos de alagamento e erosão do solo;
- Coleta frequente de informações dos plantios, que auxiliam no controle e desenvolvimento dos trabalhos, para promover uma produção cada vez mais sustentável que visa a longevidade dos solos.

“As Melhores Práticas de Manejo surpreendem pela sua implementação simples e eficiência, seja na recuperação de áreas degradadas ou prevenção de campos saudáveis, para que nunca cheguem a um ponto crítico”, defende André Borba, diretor Agrícola da Agropalma. “Esse método evidenciou, de uma vez por todas, que é possível ampliar a capacidade produtiva utilizando de forma benéfica técnicas naturais de forma a reduzir os possíveis e já existentes impactos ambientais.”

Do tradicional ao sustentável

À frente do pioneiro Programa de Agricultura Familiar e Integrada, que hoje atende a 374 agricultores familiares e 63 produtores integrados, a Agropalma compartilha as Melhores Práticas de Manejo com esses parceiros, incentivando-os a também investir em um cultivo sustentável.

“Grande parte dos agricultores parceiros beneficiados pelo programa possuem um conhecimento agrícola tradicional, passado de geração em geração, que consiste na queima do solo para o início de uma nova cultura - como comumente vemos no cultivo da mandioca, por exemplo”, conta Antonio Jorge Brandão, gerente do Programa de Integração Agricultura Familiar e Produtores Integrados da Agropalma.

A prática citada por Brandão, que ao longo dos anos foi aplicada em diversas áreas, contribuiu diretamente para a degradação do solo, eliminando nutrientes, reduzindo a biodiversidade, e tornando-o inabitável para os micro-organismos que auxiliam na regulação do campo, como bactérias e fungos, além de colaborar com a emissão de gases.

“A partir do momento em que compartilhamos esse conhecimento e encorajamos o seu emprego, nós contribuimos para que esse ciclo de deterioração termine e a recuperação ambiental seja praticada no coletivo”, finaliza Brandão.